

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT17.015

JOGOS DE NARRATIVAS CORPOGRÁFICAS: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS NA COMPOSIÇÃO DE PAISAGENS VISUAIS

Wesley de Alencar Freitas¹

RESUMO

Esta pesquisa em andamento visa um estudo reflexivo e provocativo tendo como interesse central a composição de paisagens visuais a partir de narrativas que emanam da relação sujeito-cidade, se colocando no lugar de experimentações que promovem experiências criativas, relacionais, do indivíduo com o seu meio (cultural, social, etc.) tendo como referência a ideia de jogo de Winicott (1978) e Ryngaert (2009). Objetivamos o entendimento da narrativa como percurso onde os “caminhantes” (CERTEAU, 2008), percorrem a cidade, reinventam e ocupam lugares humanizando o espaço urbano, deste modo gerando narrativas corpográficas (JACQUES; BRITTO, 2008) com experiências errantes de corpos ordinários e cotidianos. Busca-se um olhar educativo, trazendo novas proposições para se viver e ser a cidade. Atravessado por estes percursos, trazemos a cartografia (DELEUZE; GUATARRI, 1995) como caminho para se produzir subjetividades e invenções em um exercício ativo de operação sobre o mundo, dispoendo de pistas e dispositivos geradores de agenciamentos, entendendo-a quanto uma pesquisa-intervenção, em uma abordagem de multiplicidades e diversidades nas realidades educacionais. A possibilidade de múltiplos olhares sobre a paisagem urbana se dá pelo entendimento dos deslocamentos que geram “desmanchamento” de certos mundos para a formação de outros (ROLNIK, 2007). Nos interessa pensar que as paisagens urbanas, se dão no acontecimento de percorrer as cidades (GROS, 2010), assim com esta pesquisa busca-se apontar pistas para o desenvolvimento de ações que

1 Doutorando do Curso de Doutorado em Educação da Universidade Estadual de Campinas. “O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil” w205770@dac.unicamp.br;

discutam a relação dos comportamentos de pertencimento e reconhecimento dos sujeitos-cidade, se entendendo dentro de uma arquitetura social, política, econômica e cultural, entrecruzando histórias e memórias coletivas, revertendo narrativas verbais em narrativas visuais (principalmente audiovisuais) resultantes de uma investigação poética e discursiva, permeando as fronteiras da pesquisa, do ensino e da produção em Arte.

Palavras-chave: Corpografias, Narrativas, Paisagem visual, Jogos, Cartografia.

INTRODUÇÃO

Mapas perdidos no tempo. Rotas em constante mudança. Trajetórias, caminhos, passagens, buscas, percursos que se modificam. Viver, estar e ser a cidade, constituir o espaço e entendê-lo como um lugar que também faz parte de si. Uma relação dos atravessamentos entre o “eu” e a cidade. Assim, se estabelece uma ideia de sujeitos-cidades que narram as questões apontadas ou impostas pela “arquitetura” da cidade, quanto às práticas cotidianas do social, político e cultural e suas intervenções nos corpos que ali habitam.

Compreendemos que tais experiências da relação com o espaço urbano se fixam no corpo dos seus caminhantes, enquanto sujeitos que ocupam as ruas, traçam rotas, percorrem a cidade suscetíveis ao acaso, promovendo uma organicidade na cidade, trazendo um fluxo que humaniza a cidade. Os caminhantes assim, fazem da cidade um lugar praticado, com seus corpos ordinários e cotidianos praticantes de errâncias pelo espaço que se resultam na ideia da corpografia que considera que a experiência urbana fica registrada nos corpos em diversas escalas de temporalidades. dos que praticam as errâncias pela cidade. Assim, partimos do pensamento de que as corpografias urbanas estão na ligação do corpo com a cidade, que ocorre “mesmo que involuntariamente, através da simples experiência urbana. A cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo em sua corporalidade” (Jacques e Britto, 2008, p. 182).

Entendemos que o território (espaço urbano, cidade etc.) se constitui de algumas espécies de esquadrejamentos resultantes de uma imposição da arquitetura das cidades em seus regimes sistemáticos de dominação e poder, excluindo alguns corpos que são tidos como dissidentes, por não se encaixarem nos padrões, preceitos e mesmo divergências políticas com as instâncias de poder que operacionam a cidade. E assim são formados o que chamamos de guetos, que são constituídos por esses corpos tidos como dissidentes, tornando-se como corpos marginalizados e subalternizados em um exercício de tentativas de silenciamentos e exclusão por meio de uma política neoliberal e da necropolítica.

Existe uma certa restrição dos possíveis para a cidade. Nas vias públicas não cabe todo mundo ou melhor não cabe todo mundo usufruindo igualmente. A distribuição da violência, do privilégio e do poder não é equânime, os corpos vão sendo distribuídos

no espaço urbano através de uma “cartilha social” historicamente tramada em silêncio e seletividade. Há no projeto urbanístico (físico e simbólico) de cada cidade, principalmente no recorte do Brasil, uma certa tentativa (impositiva) de maquinar as diferenças sociais através do pagamento histórico, da meritocracia capitalista, da naturalização dos “costumes” e da cotidianização da “violência-mínima”, sobre certos corpos para a manutenção da “ordem e do progresso”. (FREITAS, 2019, p. 12)

Aqui reafirmamos as perspectivas da segregação que ocorrem nas cidades, encaixotando grupos em categorias marginalizadas, sendo empurradas, cada vez mais, para longe dos espaços de poder e estabelecendo relações hierárquicas, onde vê-se as paisagens que são constituídas para a satisfação dos dominadores, apontando, inclusive, características relativas aos corpo/sujeito que habita aquele espaço, estabelecendo os lugares de (des)pertencimento e as fronteiras que dividem o espaço urbano nos dando assim narrativas importantes para entendermos que “a cidade é o produto de toda uma história, que se cristaliza e se manifesta” (ARGAN, 2005, p.244).

A existência desses corpos nesses espaços, nos levam a entender a construção de texturologias pedestres, enquanto “corpos cotidianos que andam pelas cidades, ao obedecerem às características de um texto urbano que escrevem sem poder lê-lo” (CERTEAU, 2008, p.171). A partir disso, entendemos que os caminhantes, ao praticarem suas errâncias pela cidade, produzem em suas micro práticas cotidianas, poesias que por vezes são ignoradas pelo aceleração do tempo, onde não se considera mais os detalhes da vida. São esses corpos que ao andarem pela cidade acabam por também compor histórias múltiplas como atos de fala, como possibilidade de composição de paisagens visuais que narram a história da cidade e a sua relação com os sujeitos.

Trazendo essas perspectivas das narrativas, entende-se que a relação corpo-cidade, cidade-corpo, sugere uma relação de ambivalência que acabar por propor valores que atingem o sujeito, promovendo afetos que intervêm nos modos de ser e estar na cidade, trazendo experiências e memórias que compõe a estética da cidade. Memórias que surgem a partir de uma ideia de uma dimensão coletiva ao passo que se considera que ela se constitui de lembranças geradas por um grupo de referências, uma comunidade afetiva, como afirma Halbwachs (1990).

Levantada todas essas abordagens teóricas, entendemos que se faz necessário e potente, pensarmos na ideia de jogo como possibilidade estética

e poética para provocar e fomentar o debate sobre a relação sujeito-cidade em suas narrativas corpográficas se colocando no lugar de experimentações que promovem experiências criativas, relacionais, do indivíduo com o seu meio (cultural, social etc.) tendo como referência a ideia de jogo de Winnicott (1978) e Ryngaert (2009).

Consideramos importante que cada vez mais sejam propostas ações/práticas interventivas e estratégicas para se provocar um enfrentamento político, social e histórico de enfrentamento as epistemologias e hegemonias (de cor, raça, gênero, classe, sexualidade...). Desmanchar paisagens visuais impostas por um dito poder e propor novas possibilidades para ser e estar o mundo, constituindo novas paisagens visuais relativas ao espaço urbano, não apagando a história, mas pensando e propondo o que vamos fazer a partir dela. Estar com a cidade para jogar com narrativas que emergem das memórias e experiências dos sujeitos-cidade, considerando os modos de subjetivação que transparecem a partir dessa relação.

Esta pesquisa, se objetiva no entendimento da narrativa como percurso onde os “caminhantes” (CERTEAU, 2008), percorrem a cidade, reinventam e ocupam lugares humanizando o espaço urbano, deste modo gerando narrativas corpográficas (JACQUES; BRITTO, 2008) com experiências errantes de corpos ordinários e cotidianos. Buscamos um olhar educativo, trazendo novas proposições para se viver e ser a cidade por meio de proposições poéticas, estéticas e formativas que possam provocar alguma intervenção na relação sujeito-espaço em um viés educativo e formativo. Abrir espaços de pertencimento e identificação dos sujeitos com o espaço em que habitam, dando abertura para operacionalizar nas frestas e contrapor/responder às violências opressoras causadas pela arquitetura da cidade.

Metodologicamente esta pesquisa se ancora como uma pesquisa-experiência a partir da abordagem de Silva (2008) enquanto uma possível estratégia para a produção de narrativas e problematizações do conhecimento. Considerando o seu viés interventivo, fazemos o uso da cartografia (DELEUZE; GUATARRI, 1995) como método de pesquisa, considerando a importância do fazer para conhecer e criar uma realidade de si e do mundo, apontando ainda as importantes contribuições de Suely Rolnik (2007) para pensarmos as cartografias e micropolíticas. Com isso, provoca-se a composição de narrativas corpográficas por meio de ações/intervenções oriundas de jogos (WINICOTT,

1978 e RYNGAERT, 2009) como possibilidades criativas, artísticas e estratégia de proposição educativa.

Vemos como forte e potente as possibilidades que podem emergir a partir de uma prática efetiva das provocativas aqui levantadas e apontadas enquanto possibilidades de se pensar ações/intervenções a partir dos atravessamentos entre Arte, pesquisa e do ensino, estabelecendo uma realização de trocas e aprendizados horizontalizados e potencializando o fazer da aprendizagem.

AS IMAGENS NA CONTEMPORANEIDADE E A POTÊNCIA CRIATIVA

A sociedade contemporânea está em um direto contato com diversas formas de audiovisual, por meio de plataformas e *streamings* de acesso gratuito e/ou pago nas mais diversas telas que se colocam ao alcance de crianças, jovens e adultos.

Assim, somos cercados por imagens que em todo o momento estão produzindo novas formas de ver e estar no mundo, criando mundos e possibilidades de existência, resistência, afirmação e reconhecimento de identidades e territórios. Sendo importante considerar que essas reproduções imagéticas que são oriundas da mídia de massa podem e são definidoras de comportamentos (Lima, 2002) e isso se reflete nas imagens dos corpos, de como eles se apresentam e se expressam.

Entende-se hoje, que vivemos em uma sociedade altamente contaminada por um sistema patriarcal, sexista, racista, lgbtqfóbica, capacitista, branca, cisheteronormativa que acabam construindo regimes corpóreo-espaciais que de acordo com o decorrer do tempo se tornam internalizados e naturalizados como padrões sociais, estabelecendo desse modo as configurações de hierarquias de poder e subalternizações de algumas comunidades (corpos/grupos sociais). Compreendendo nesse contexto, que novas narrativas emergem com o intuito de potencializar ao debate público questões que são pertinentes aos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos.

A imagem (*imago*), para Deleuze, é um signo (*signum*) e este, por natureza, produz outras imagens, pensando nas multiplicidades e diferenças que são características desse processo rizomático. “Imagens-tempo, isto é, imagens-duração, imagens-mudança, imagens-relação, imagens-volume, além do movimento mesmo” (DELEUZE, 1995, p. 22). A imagem é de constante movimento, um fluxo

múltiplo de possibilidades de constituir novas imagens em diversas camadas ideológicas, reflexivas, representacionais... Novas imagens em potencial.

Assim compreendemos ainda que em Deleuze uma imagem nunca é solitária, ela sempre carregará consigo o signo que é o provocador do sentido no encontro com o corpo-sujeito, um discurso que emana dele, um afeto e/ou provocador de afeto, ativador de memórias, de razão e sensibilidade.

E então, mediante a tais afirmativas: Como posso seguir criando a partir das imagens? Essa é uma indagação que se multiplicou em outras questões provocadoras, tais como: Qual a potência do uso de imagens no processo de aprendizagem? Quando os afetos se tornam uma materialidade imagética? Onde se sente o impacto da imagem? Quais as possibilidades de a imagem não se findar naquele instante em que é vista/sentida? Como tornar a imagem um processo de criação? É possível uma imagem ter atravessamentos coletivos? Como produzir imagens em coletivo?

Muitas inquietações/provocações aconteceram no decorrer desse estudo e aos poucos as pistas foram surgindo, não enquanto resposta, mas sim como rotas possíveis para experimentar as forças que uma imagem possui. A constante busca pela não representação e a proposta de capturar novas forças por meio das imagens produzidas ou vistas, proporcionaram assim a produção de novas linhas, fissuras, rasuras... novas possibilidades de desenvolvimento da imagem tornando-se uma nova imagem e numa prática da aliança com o outro constituindo assim uma comunidade que se desenvolve em um comum, que se aliança na busca de se entender como lugar possível de aprendizagem, considerando que:

Nunca se sabe como uma pessoa aprende; mas, de qualquer forma que aprenda, é sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos. [...] Nunca aprendemos alguma coisa nos dicionários que nossos professores e nossos pais nos emprestam [...]. Nunca se aprende fazendo como alguém, mas fazendo com alguém, que não tem relação de semelhança com o que se aprende. (DELEUZE, 2003, p. 21).

E aqui então vemos a importância de estar em uma comunidade, fazendo com o outro, estabelecendo alianças que auxiliam no desenvolvimento de pistas de continuidade no fluxo criativo da imagem. A experiência do fazer com o outro horizontaliza os indivíduos, o que provoca mais pertencimento e interesse em amplificar olhares criativos de novos mundos. Assim, nessas alianças encon-

tramos uma diversidade de forças múltiplas que estão mediante a uma imagem. O fazer com e partilhar dentro dessa comunidade provoca o que entendemos como o comum, onde todos se sentem participantes da imagem.

Desse modo essa dita comunidade, busca tornar-se um lugar para se habitar nesse espaço comum, onde politicamente enuncia algo do comum e não apenas uma única voz individualizada, como nos aponta Ranciére (2010).

NARRATIVAS CORPOGRÁFICAS

Com o decorrer desse estudo, a ideia das narrativas surge em uma demanda que compreende a importância do ato de narrar, de constituir narradores, para que se construa um pensamento crítico e a possibilidade de apropriação da linguagem.

A estética narrativa, aparece em nosso estudo, como uma possibilidade de combater a violência estrutural e com a compreensão de que quando contamos histórias, estamos mais propícios a nos reconhecermos em nossas identidades, territórios etc. Que quando narramos, também ouvimos e com isso nos ligamos ao outro, estabelecendo uma comunidade que ultrapassa a ideia fronteira geográfica, desse modo fortalecendo, inclusive, as possibilidades pedagógicas na construção de saberes enquanto ser político, social e cultural.

Como nos propõe Janaina Leite (2017), “narramos nossas vidas e ideias de nós como atos de fala que têm como função performar uma imagem de nós mesmos e daquilo que chamamos de passado. (...), mas narramos também para não esquecer. Para não deixar que esqueçam” (p. 9). Narrativas que emergem coletivizando as experiências a fim de pulsar novos debates sociais, chamando a atenção para a urgência de novos olhares estéticos, poéticos e linguísticos.

Propomos pensar e entregar os nossos corpos às formas narrativas, como uma poesia viva, transeunte e relacional. A proposição é provocar narrativas que surgem de experiências pessoais e relacionais entre pessoas e/com o espaço e tempo, fazendo-se valer do contexto cultural que circunda os ambientes propulsores e geradores da memória a fim de fortificar a discussão objetificada nessa pesquisa.

Pensa-se em uma escrita onde o sujeito e o espaço, estão como rizomas que constituem narrativas/memórias que promovem algum tipo de intervenção na medida em que se estabelece um relacionamento entre ambos. Pelas ruas percorrem corpos que criam suas histórias e narram suas experiências de si e

com outro, deixando a brecha para que o espaço um tanto estigmatizado também possua sua voz de narrativa e ambientação, territórios de onde emergem histórias que habitam o espaço.

Para o errante, são sobretudo as vivências e ações que contam, as apropriações com seus desvios e atalhos, e estas não precisam necessariamente ser vistas, mas sim experimentadas, com todos os outros sentidos corporais. A cidade é lida pelo corpo e o corpo escreve o que poderíamos chamar de uma “corpografia”. A corpografia seria a memória urbana no corpo, o registro de sua experiência da cidade (Jacques, 2006, p. 119).

Assim, pensamos a partir da ideia de que essa relação intrínseca do corpo com a cidade promove narrativas, que chamamos de narrativas corpográficas. Entendemos que ambos (sujeito e espaço) são fundamentais para a existência e criação dessas narrativas, ressaltando que elas surgem a partir da relação que se estabelece entre ambas e reflete-se de forma expressiva nos corpos que habitam o espaço.

As corpografias permitem tanto compreender as configurações de corporalidade como memórias corporais resultantes da experiência de espacialidade, quanto compreender as configurações urbanas como memórias especializadas dos corpos que as experimentaram. Elas expressam o modo particular de cada corpo conduzir a tessitura de rede de referências informativas, a partir das quais o seu relacionamento com o ambiente pode instaurar novas sínteses de sentido ou, coerências (Britto, 2010, p. 15).

Aqui, abrimos um espaço para a compreensão que nos traz Certeau ao afirmar a diferença de “lugar” e de “espaço”, e com isso fazemos essa distinção em nossa pesquisa. Entende-se a partir de Certeau (2008) que o termo lugar se interrelaciona com a ideia de localidade, não abre espaço para coexistência, está determinado, fixo. Já quando falamos de espaço, estamos nos referindo a ideia do percurso, dinâmica, movimento, há indicação de coexistência, trazendo assim a máxima de que “o espaço é um lugar praticado” (p.201). Nesses pensamentos que fazemos o uso do termo espaço em nossa pesquisa, considerando que nos interessa a prática ativa dos pedestres (caminhantes) no espaço urbano, produzindo novas narrativas e potencializando a existência dos corpos-espaço.

É importante também destacar que essas experiências das quais tanto falamos em nosso estudo, estão interligadas a ideia de coletivo, em uma experiência urbana coletivizada.

METODOLOGIA

Considerando a provocativa de ser um modo de intervenção, pensamos na proposição de que seja uma pesquisa-experiência a partir da abordagem de Silva (2008), como uma forma de epistemologia e metodologia alternativa de realização de uma pesquisa que se realiza no espaço urbano, bem como suas possibilidades e considerações de que o pesquisador se insira no contexto da pesquisa, que ele seja participante da mesma, se desfazendo do lugar de observador (*Voyeurs*).

Os percursos traçados nessa pesquisa, se interessam em tratar com corpos singulares que foram e são afetados, constantemente pelo encontro relacional com o território (espaço urbano), narrativas que surgem pelo ato de caminhar, escrever, analisar, partilhar a partir das lembranças, os rastros colhidos, dos devaneios vivenciados, da busca de ser e estar em comunidade. Uma pesquisa que busca por estratégias de transgredir a ideia de escrita de um formato enrijecido, mas que se destina a valorização das subjetivações que são inerentes aos sujeitos e ao território. Assim. A pesquisa-experiência para que possamos habitar e transitar pelas cidades e refletir a partir das experiências vividas. A experiência como experimentação, na ação direta do pesquisador como participante da pesquisa, também como parte do enfrentamento às hegemonias que impõe silenciamentos epistemológicos que ainda possuem como consequências a violência das/nas cidades.

Ainda nesse pensamento, entendemos que esta proposta de pesquisa se evoca como uma pesquisa-intervenção, traçando e percorrendo caminhos que produzem subjetividades e invenções, dispondo de pistas e dispositivos geradores de agenciamentos, promovendo multiplicidades e diversidades nas realidades educacionais, trazendo os atravessamentos resultantes de uma investigação poética e discursiva, que permeia as fronteiras da pesquisa, do ensino e da produção em Arte. Nesse entendimento fazemos o uso da cartografia (DELEUZE; GUATARRI, 1995), afirmando que o fazer e o conhecer são atos inseparáveis. Assim, nas práticas das errâncias temos a possibilidade de obter

múltiplos olhares sobre a paisagem urbana, gerando um “desmanchamento” de certos mundos para a formação de outros (ROLNIK, 2007).

Assim, a cartografia surge na pesquisa com sua característica epistemológica criativa e artística. Interessando-se pela narração que se origina a partir da exploração das fissuras, dos deslocamentos, dos emaranhados das experiências... Apostamos nessa pesquisa cartográfica por entender que o processo nos apontará pistas que se produzem por meio da afetação mútua do território com os sujeitos que participam da pesquisa.

Sabemos que é importante considerar o acaso que surgirá a partir dos encontros e alianças, assim não podendo traçar um resultado pronto, mas sim um vasto campo de perguntas, questões, recomeços, novos e múltiplas possibilidades de se ver e habitar o território. Assim essa pesquisa se desenvolve exigindo uma presença verdadeira, com uma atenção no processo, dando abertura ao pensamento rizomático tanto na investigação do processo, quanto na produção de subjetividades que estão implicadas na pesquisa cartográfica.

Ainda nos interesses metodológicos lidamos com o que Isabel Carvalho Guerra (2006) chama de “metodologias compreensivas ou indutivas”, reforçando e compreendendo as características processuais desta pesquisa, e as relações e intervenções que são basilares para a realização das mesmas a considerar os tempos e temporalidades em que são condicionantes no processo. Bem como, as relações, alianças e agenciamentos que se farão necessários no desenvolvimento desta pesquisa.

Os defensores das metodologias compreensivas argumentam que a intenção deste tipo de pesquisa é articular as várias dimensões da vida social ao mesmo tempo em que se recusa a ruptura entre o <<sujeito da ciência>> e o seu <<objecto>>, o <<sujeito real>>; dito de outra forma pretendem-se novas reconciliações entre teoria e prática, entre a <<ciência do geral>> e os <<saberes particulares>>, entre o <<indivíduo e a sociedade>>. Tomando como objecto um sujeito histórico em ação, esta metodologia observa, no mesmo movimento, o sujeito e a sociedade em interação, mas também, é simultaneamente os factos e as emoções que os acompanham. (GUERRA, 2006, p. 19).

Assim, por meio desse referencial teórico que surge como aporte para a pesquisa, considerando prioritariamente os seus interesses e desejos, dialogamos e reforçamos a importância da característica relacional que permeia esta proposta de pesquisa. A relação sujeito participante, sujeito pesquisador e sujeito

território é a força e potência desse processo de pesquisa. Esses atravessamentos é o que dá encaminhamento ao processo metodológico dessa pesquisa.

Embasados de todo esse arsenal de pensamentos e entendimentos teóricos que se fazem real em uma prática, propomos que esse processo seja fomentado pela ideia do jogo, entendendo a potência que o jogo trás, quando entendemos que:

Ele (o jogo) não está dentro, qualquer que seja o sentido da palavra. Ele também não se situa fora, ou seja, ele não é uma parte repudiada do mundo, o não-eu, desse mundo que o indivíduo decidiu reconhecer (qualquer que seja a dificuldade ou mesmo a dor encontrada) como estando verdadeiramente no exterior e escapando ao controle mágico. Para controlar o que está fora, é preciso fazer coisas e não simplesmente pensar ou desejar; e fazer coisas leva tempo. Jogar é fazer. (WINNICOTT, 1978, p.72)

Desse modo, ainda estabelecendo uma relação de atravessamentos entre o sujeito e a vida. Associando-se assim com tudo que já foi mencionado enquanto interesse na abordagem essa pesquisa. Relacionar os todos os sujeitos e as narrativas que se emaranham com as experiências dos envolvidos e potencializar esses atravessamentos, não numa perspectiva de espetacularização, mas dentro de um olhar mais discursivo, analítico e crítico sobre as cidades (território do espaço urbano) e suas questões.

Usar o espaço urbano como espaço de e para o jogo, que provoca as relações e compõe as narrativas corpográficas, instaurando pensamentos e discussões sobre o espaço e as relações de poder e afetos que podem ser denunciadas, embrionando uma (des)territorialização daquele espaço para que se possa constituir uma nova relação imagética, talvez (re)territorializando aquele espaço em uma nova perspectiva, ou seja, criando novos mundos possíveis em um processo de formação e deformação em um processo de composição de paisagens visuais.

Ainda encarando esse processo metodológico da pesquisa, considerando todas as referências já mencionadas, faço um diálogo do jogo com o que hoje entendemos e chamamos de pedagogia dos dispositivos, que surge como um meio para produzir materiais imagéticos.

Pensar em dispositivos é pressupor a transversalidade da produção de uma obra, considerando duas linhas complementares, onde uma aponta uma espécie de controle, colocando regras, limites, recortes, direcionamentos e a

outra linha aponta um caminho aberto que se torna dependente das ações em que os sujeitos (atores) farão em suas interconexões, trazendo o pensamento de MIGLIORIN (2006, p.83).

Assim, o dispositivo torna-se uma provocativa criativa que permeia os campos artísticos e subjetivos, disparando como uma potência em trabalhar com a imagem enquanto potência de fluxo contínuo criativo, pois ele age como um ativador que movimenta algo que já existe e acaba produzindo imagens outras que podem gerar outras e outras e outras...

Outra potencialidade que podemos encontrar com o uso da pedagogia dos dispositivos é o fato de a mesma estar “mais pautada por intensidades de criação do que por acúmulo de saberes” (NICARÁGUA, 2021, p.91). Assim de certo modo horizontalizando as experiências dos habitantes dessa comunidade, onde as partilhas tornam-se a potência da aprendizagem descentralizada do sujeito individualizado, tornando a criação algo subjetivo, considerando as dobraduras agenciadas do que interno e do que está externo ao sujeito. Importa a experiência e o que seja gera dela no que tange na busca de desterritorializações criativas, onde novos mundos (imagens) ganham força e potência.

O processo criativo dentro do aspecto da pedagogia dos dispositivos tem um caráter democrático, a invenção a partir da perda da ideia de controle, onde a experimentação é a potência enquanto um gesto criativo, uma criação de si mesmo e da criação de um mundo, ou de vários outros possíveis colocando em movimento múltiplos elementos, estabelecendo alianças que fortalecem o encontro tornando-se assim uma comunidade para se habitar.

Ainda nos procedimentos metodológicos usados para essa propositiva prática-teórica, pensamos na utilização de diários, onde se coloca tudo sobre as experiências e memórias vivenciadas no processo de errância, da caminhada. Os diários surgem como procedimento no processo no entendimento de que “ele projeta uma identidade, ao mesmo tempo que é um ato de resistência contra uma memória falível já que tenta ser registro do vivido” (LEITE, 2017, p. 21). Logo ele ultrapassa a perspectiva de ser só mais uma forma de registro, de material de arquivo, mas coloca-se enquanto “estratégia subjetiva, estética e, ao mesmo tempo, ético-política” (LEITE, 2017, p.23).

Desse modo, propomos que em todo o processo de pesquisa, sejam feitos os mais diversos tipos de registros (fotografia, vídeos, escritas, poemas, pinturas, desenhos, colagens etc.) para que se possa estabelecer um bom arsenal de material que possam fomentar as produções resultantes das caminhadas

realizadas e facilitando as possibilidades de análise, crítica e discussões que se estabeleceram com o processo da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Reconhecemos que na atualidade, temos cada vez menos, o hábito de caminhar pela cidade, explorando-a e a escrevendo com nossos corpos e nossas existências. A experiência dos corpos ao caminhar na cidade, compõe uma escrita que intervém com a produção de paisagens, arquiteturas, fissuras, derivas, enfim, com outras possibilidades e modos de ser e estar na cidade, fazendo do ato de caminhar como uma prática filosófica (GROS, 2010). Práticas as errâncias na cidade, com o ato de caminhar nos leva a pensar em atos/ações que são políticas, estéticas, poéticas e éticas.

A busca está em perceber na cidade as texturas e camadas que a envolvem. A proposta é que haja o encontro com o que está na invisibilidade da cidade, tornar visível o que é posto como escondido por uma estrutura (arquitetura) física ou subjetiva, mas que precisa ser desvelada para entendermos a que cidade estamos habitando. A cidade por trás da cidade.

Assim, espera-se que com essa proposição de pesquisa, possamos provocar novas produções a partir de paisagens visuais que se criam, que emergem a partir das práticas de errância pela cidade. Essa primeira fase de referenciamento teórico e levantamento bibliográfico nos faz consolidar a ideia de que é possível escrever e desenhar com a cidade, por meio de um jogo relacional dos sujeitos e a cidade, estabelecendo uma rede criativa, política, ética, estética e poética, em produção prática de conhecimento e reconhecimento do sujeito em seu lugar, provocando e afetando-se pela relação que se estabelece entre sujeito-cidade, cidade-sujeito.

Encontramos neste estudo, as possibilidades de estabelecer redes conectivas que fomentem o processo de ensino-aprendizagem, onde se estabeleça uma comunidade que não está para o repasse de conteúdos e informações, mas sim para construir pensamentos, reflexões, criticidade nas mais diversas camadas da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após toda a abordagem realizada até o presente momento para esta pesquisa, considerando também as memórias e as experiências já vivenciadas, enxergamos a potencialidade dessa presente pesquisa em andamento, por seu viés social, político, cultural, artístico, ético, estético, poético e etc.

Consideramos importante e fundamental toda essa abordagem em processos educacionais, onde a interação dos sujeitos com a cidade e suas questões são o mote para que possamos pensar a partir de outra perspectiva discursivas, analíticas e criativas. A intenção e motivação está em provocar novos olhares, a partir de corpos que afetam e são afetados pelo espaço, inventando novas paisagens enquanto caminham pela cidade, se entendendo no jogo das narrativas que se corporificam nessas errâncias criativas.

A proposta está em sair do lugar só da leitura e pensamentos distanciados e partir para um lugar de participante, de caminhante (CERTEAU, 2008) que está sujeito aos acasos do processo da pesquisa, que reinventam e ocupam os lugares. Provocar por meio de jogos (dispositivos) criativos enquanto procedimentos que modificam o sujeito e o espaço em uma relação interventiva, potente, que propõe multiplicidades e faz emergir processos de constante devir.

É importante entender que as narrativas são potencialidades de continuidade e propagação de atos e falas fundamentais para “que não se esqueça e para que não seja esquecido” (LEITE, 2017, p. 9). Provocar enquanto processo educacional a ideia de pertencimento e a potência da memória e da experiência enquanto escritas de narrativas que compõe novas paisagens, ou mesmo desvelam as paisagens mais profundas que não costumamos ver/contemplar por não nos colocarmos na cidade como caminhantes, errantes, mas como *voyeurs*, observadores do espaço não permitindo ao corpo uma vivência experienciada, sendo um espectador ao invés de protagonista da/na/com a cidade, como participantes de jogos que geram narrativas corpográficas, potencializadas pelas memórias e experiências dos sujeitos (corpo e espaço) na composição de paisagens visuais.

Enxergamos uma potencialidade na percepção, reflexão e produção de imagens, enquanto recurso que amplifica os processos de aprendizagem por meio do ensino de Artes e indicando ainda a possibilidade de aliançar com outros componentes curriculares, intensificando os conteúdos e a formação cidadã.

Uma prática pedagógica horizontalizada, onde todos/todas/todes são participantes de todo o processo, provocando aproximação e ideia de autoria e pertencimento do produzido, possivelmente seja um caminho para se realizar práticas do ensino de Artes de modo eficaz e potente. Estabelecer comunidades no fluxo em potencial das imagens. Traçando percursos e encontrando pistas de rotas, borrando fronteiras, (des)territorializando e criando mundos possíveis.

REFERÊNCIAS

BRITTO, Fabiana Dultra. **Co-implicações entre corpo e cidade: da sala de aula à plataforma de ações.** In: JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra. *Corporidade: debates , ações e articulações.* Salvador: EDUFBA, 2010. P. 12 – 23

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DELEUZE & GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Vol. I. São Paulo: Ed.34, 1995.

FREITAS, Eduardo. **Você pode saber disso sem nunca ter pensado nisso.** In: *Imaginários Urbanos: Performan[CE] entre o público e o privado.* 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2019. v. 260. 104p.

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia.** Trad. Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010.

GUATTARI, F. ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo.** 8º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva.** Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

JACQUES, Paola B. **Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade.** In: *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais / [organizadores]: Henri Pierre Jeudy e Paola Berenstein Jacques; [textos: Henri Pierre Jeudy, Patrick Baudry ... [et al.]; tradução: Rejane Janowitz; revisão técnica: Lílian Fessler Vaz. - Salvador: EDUFBA; PPG-AU/FAUFBA, 2006.*

JACQUES, PB. BRITTO, FD. **Corpografias urbanas: as memórias das cidades nos corpos.** Semin Hist Cid Urban. 2008.

LEITE, Janaina Fontes. **Autoescrituras performativas: do diário à cena.** 1 ed. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2017.

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa.** São Paulo: Paz e terra, 2002

MIGLIORIN, Cezar. **O dispositivo como estratégia narrativa.** In: LEMOS, André; BARBOSA, Marialva; BERGER, Christa (Org.). Narrativas Midiáticas Contemporâneas. Porto Alegre: Meridional, 2006. p. 82-93.

NICCARÁGUA, Fórum. **A pedagogia do dispositivo: pistas para criação com imagens.** In: Cinema-Educação: políticas e poéticas / Cesar Leite, Fernanda Omelczuk e Luiz Augusto Rezende (orgs). – 1. ed. – Macaé: Editora NUPEM, 2021.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** São Paulo: UFRGS, 2007.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar: práticas dramáticas e formação.** São Paulo: Cosac Naify, 2009.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975. 208 p.